

A arte de curar faz escola em Curitiba. Caminhos de uma investigação histórica da Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1945)

Erica Piovam de Ulhôa Cintra*

Resumo

O monopólio das artes de curar por médicos é questão recente no país. A formação dos primeiros médicos em cursos de ensino superior (a medicina acadêmica) data de 1808. Tempos depois, novas instituições médicas surgem pelo país, como em Curitiba - Paraná. Em meio a um projeto de universidade, dava-se início aos primeiros cursos médicos, do estado, em Medicina e Cirurgia, Obstetrícia, Odontologia e Farmácia e que logo dariam lugar a Faculdade de Medicina do Paraná. Fator que contribuiria para a institucionalização da ciência médica paranaense e a formação e a organização da classe médica local. O presente artigo, de estudo em desenvolvimento, reflete sobre um pouco desta particular história que marcaria os caminhos da educação e da saúde pública em Curitiba na primeira metade do XX.

Palavras-chave: história da educação – ensino médico – institucionalização da ciência

Abstract

The monopoly of the arts to curing for doctors is recent subject in the country. The first doctor's formation in higher education courses (the academic medicine) it dates from 1808. Times then, new medical institutions appear for the country, as in Curitiba - Paraná. In way to a university project, one gave to beginning to the first medical courses, of the state, in Medicine and Surgery, Obstetrics, Dentistry and Pharmacy and that soon they would give place University of Medicine of Paraná. Factor that would contribute for the institutionalization of the science medical paranaense and the formation and the organization of the local medical class. The present article, of study in development, thinks about a little of this particular history that would mark the roads of the education and of the public health in Curitiba in the first half of the XX.

Keywords: history of education - medical education - institutionalization of the science

As primeiras instituições médicas

O monopólio das artes de curar por médicos é questão recente no país. (BERTUCCI, 2004; PIMENTA, 2004, 2003; GONDRA, 2003). As primeiras instituições de ensino médico no Brasil datam de 1808, formavam inicialmente médicos-cirurgiões e condiziam com um conjunto de medidas para a implementação de serviços públicos quando da transferência da Corte portuguesa ao país. As primeiras escolas de formação de médicos-cirurgiões foram: a Escola de Cirurgia da Bahia, de 18 de fevereiro, e a Academia de Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro, de 2 de abril daquele mesmo ano. Pouco tempo depois, ambas foram transformadas em Academias Médico-Cirúrgicas: a do Rio de Janeiro

* Doutoranda em Educação (Linha História e Historiografia da Educação), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Bolsista CAPES. E.mail: piovam@onda.com.br

em 1813, e a da Bahia em 1815. (SILVA, 2002: 140). Mais tarde ainda, em 1832¹, decorrentes de novas reformas do ensino médico, ambas passaram a Faculdades de Medicina iniciando efetivamente a formação de médicos. (Cf. tais reformas no século XIX: FERREIRA, FONSECA & EDLER, 2001). No caso do Paraná, a institucionalização da medicina acadêmica e a organização da classe médica levarão ainda muito tempo para serem ali implementadas. Seria preciso antes, dotar a capital paranaense de uma instituição de ensino superior. E os primeiros passos só seriam dados na primeira década do século XX.

Isto porque somente com o início do período republicano ocorre a ampliação das faculdades de medicina pelo país, bem como as escolas de ensino superior via de regra restritas ao eixo: área da saúde-direito-engenharias². E não só este aspecto contribui para a difusão dos ensinos médico e superior como também a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, também conhecida como reforma Rivadávia Correia (1911), concorreu, de modo geral, para a autonomia administrativa, financeira e pedagógica destes estabelecimentos de ensino perante o governo possibilitando inclusive a instalação de exames de admissão para a seleção dos candidatos aos cursos constituídos – do que, logo, se valeriam os primeiros cursos superiores a operar no Paraná. Na mesma data, a expedição de ainda outros regulamentos alcança as faculdades de medicina, como o Decreto nº 8.661. (CUNHA, 1980: 162). Somados estes aspectos é que começam a ser difundidos os cursos de medicina na região sul e sudeste do país:

“em 1897 foi instalada a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia, em Porto Alegre (RS), (...) denominada Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1911. No mesmo ano foi criada a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, e, em 1912, a Faculdade de Medicina do Paraná [ainda como “Curso de Medicina e Cirurgia” no interior do projeto de constituição de uma universidade, a Universidade do Paraná]. A próxima a ser instalada seria a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1912.” (SILVA, 2002: 139).

Tanto em São Paulo como no estado do Paraná, as escolas de medicina datam de tempo bem posterior à formação das primeiras gerações de “homens de ciência” do período imperial no Rio e na Bahia³. A primeira Faculdade de Medicina do estado de São Paulo, por exemplo, surge no interior de um projeto educativo de uma escola particular de Farmácia.

¹ A lei de 1832 que transformou as academias do Rio e da Bahia, em Faculdades de Medicina e concedeu, pela primeira vez no país, os títulos de doutor em medicina, e também os de farmacêutico e parteira, instituiu, no país: “o início do monopólio legal das artes de curar por parte dos médicos.” (PIMENTA, 2004: 71).

² “No período que vai da reforma Benjamim Constant, em 1891, até 1910 (...) foram criadas no Brasil 27 escolas superiores: 9 de medicina, obstetrícia, odontologia e farmácia, 8 de direito, 4 de engenharia, 3 de economia e 3 de agronomia.” (CUNHA, 1980: 157).

³ Daí a possibilidade dos professores da Universidade que se fez criar no Paraná em 1912 terem se valido de rebentos destas Faculdades para o seu quadro docente, a exemplo de um dos médicos que levou a termo o projeto de constituição da Universidade do Paraná: Dr. Victor Ferreira do Amaral (1862-1953), egresso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Esta escola funcionava já desde 1899 - e subsidiada pelo estado -, surge depois de várias tentativas frustradas para a criação de uma escola de medicina paulista. A Faculdade de Medicina de São Paulo, investida neste cenário, se daria ainda de modo muito conflituoso e bem diferente do ocorrido na capital federal. Enquanto a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro caminhava atrelada desde os seus primórdios aos cursos de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia, em São Paulo a criação da Faculdade de Medicina na escola de Farmácia teria de lidar ainda com a oposição acirrada entre médicos e farmacêuticos na disputa da organização do ensino médico paulista – o que atrasaria, em muito, a criação da Faculdade. A Faculdade de Medicina de São Paulo então só teve início em 1912, quando os médicos paulistas, embrenharam-se em instâncias outras da ordem médica (instituições de pesquisa, sociedades, revistas, laboratórios, hospitais e clínicas) mais coesos no projeto de legitimar a medicina paulista no cenário nacional, em detrimento de outros centros de ensino (especialmente do Rio de Janeiro). (SILVA, 2002: 139-146).

E uma das questões para a qual atentou os médicos da Faculdade de Medicina de São Paulo era para a criação de um hospital de clínicas como um lugar de ensino e de prática dos acadêmicos – isto também se daria no Paraná, em especial, com a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Se, por um lado, o fato de requererem o hospital não agradaria aos colaboradores da instituição requerida (e isto especialmente foi um problema compartilhado anteriormente pela Faculdade do Rio de Janeiro com a Santa Casa daquele município, cf.: PIMENTA, 2003: 99), por outro, como diz Le Goff: “o jogo da doença e da saúde joga-se cada vez menos em casa do doente e cada vez mais no palácio da doença, o hospital.” (LE GOFF, 1985: 8). “Palácio da doença” ou casa da saúde – ou ainda santa casa -, o hospital ganha, no início do século XX, a atenção da medicina acadêmica como lugar de práticas de saúde oficiais e laboratório de ensino para os médicos em formação, especialmente para o médico-cirurgião⁴. Entretanto, tal necessidade se veria satisfeita em São Paulo, somente em 1940, quando da criação do Hospital São Paulo e no interior de ainda outro projeto educativo de ensino médico: a Escola Paulista de Medicina. (Cf.: SILVA, 2001).

Em Curitiba, muitas das questões tratadas até então e consideradas em outros centros urbanos (o curso de medicina após outros cursos de ensino médico, como em São Paulo; a formação médica inicial como médico-cirurgião no Rio de Janeiro, Bahia e também São Paulo; a relação conflituosa entre faculdade-hospital, no Rio e em São Paulo), se fariam

⁴ Cirurgião-médico italiano, em suas memórias, assim se refere ao hospital: “*É difícil descrevermos o que representa o hospital para um cirurgião. É o mesmo que um navio para o marinheiro, a casa para a mulher, o teatro para o artista, a igreja para o padre. Se não é possível conceber um marinheiro sem navio, uma mulher sem lar, também não se pode imaginar um cirurgião sem hospital.*” (MAJOCCHI, 1946: 88).

também presentes no Paraná. A Faculdade de Medicina do Paraná surge somente após a constituição dos cursos de formação médica nas especialidades de Medicina e Cirurgia (1913), Obstetrícia, Odontologia e Farmácia (1912), tal como no Rio e em São Paulo, e isto no interior do projeto de constituição de uma universidade: a Universidade do Paraná (1912). Sabe-se também que aulas, especialmente as de caráter prático do curso de Medicina e Cirurgia, eram realizadas diretamente na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, inclusive no Hospital de Alienados (depois, Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz). (PIZANI, 2002). Entretanto, a presença da medicina acadêmica em instituição que já contava com a formação de outras especialidades médicas, e a participação dos acadêmicos no dia-a-dia do Hospital de Caridade de Curitiba certamente não seriam questões que ocorreriam sem muitos problemas. A participação no hospital dos médicos-professores e alunos da Faculdade era insistente. Com o tempo, os médicos da Faculdade adquiriram inclusive mais espaço no interior do próprio hospital para a criação do “Laboratório de Análises Clínicas”, chefiado por uma das primeiras mulheres formadas pela Faculdade de Medicina do Paraná: Dra. Maria Falce de Macedo. Ademais, a institucionalização da ciência médica no Paraná, a exemplo do ocorrido em outros estados, certamente não ocorreu sem conflitos na cidade ainda calcada na teoria dos “bons ares” e da “salubridade do clima” para explicar a desatualização dos serviços sanitários até os anos 1930. (FERNANDES, 1988: 3-19). Aspectos que cooperaram para um entendimento pouco linear da institucionalização da medicina também no Paraná.

A Faculdade de Medicina do Paraná: um pouco de sua história

Vae dentro de breves dias instalar-se o nosso primeiro estabelecimento de ensino superior, com o qual, dentro de alguns annos, uma vez em funcionamento todos os cursos universitários de que elle se compõe, ficaremos definitivamente emancipados das escolas superiores dos outros Estados para as quaes até hoje mandávamos os nossos filhos, quando queríamos vel-os seguir uma carreira académica qualquer. A 19 do corrente [dez. 1912] inaugura-se, em sessão solemne, no Palácio do Congresso Legislativo do Estado, a Universidade do Paraná. (COMMÉRCIO DO PARANÁ, 1912: 1).

Em dezembro de 1912, o jornal paranaense *Commercio do Paraná* realizou um amplo anúncio da fundação da Universidade do Paraná – ocorrida no dia 19, data do aniversário da emancipação do estado do Paraná. O primeiro estabelecimento de ensino superior da cidade de Curitiba e do estado - e durante pouco tempo e para os sonhos de alguns paranaenses: a do país⁵ -, era destacado de modo singular pelo jornal que dias antes do evento noticiava o que seria um grande acontecimento para o estado. O periódico diário, em seu

⁵ Confira uma versão do acontecido no registro do escritor paranaense Valfrido Piloto. (Cf.: PILOTO, 1976).

primeiro ano de atividade, cumpria com afincos o propósito de realizar a cobertura do evento, ao contrário do feito pelos demais periódicos de ampla circulação na época e que se restringiram a breve nota do ocorrido.⁶ Neste jornal, o episódio foi narrado com uma sequência de informações litúrgicas. A cidade era colocada à expectativa do grande dia. E não sem razão. Como o próprio excerto destaca “o nosso primeiro estabelecimento de ensino superior” emanciparia “definitivamente” os paranaenses das escolas superiores “dos outros estados” para os quais eram mandados os filhos a seguir “uma carreira acadêmica qualquer”. Note que o argumento utilizado não poderia ser tomado por outrem que não estivesse extremamente envolvido com o projeto de construção da universidade. Este era o caso do médico Dr. Victor Ferreira do Amaral, diretor do jornal *Commercio do Paraná*. Logo, seria ele eleito o primeiro diretor da Universidade do Paraná, tendo como secretário o também médico: Dr. Nilo Cairo⁷. E há um dado interessante a notar nesta relação.

Um médico alopata (Victor do Amaral), e um médico homeopata (Nilo Cairo), juntos no projeto de constituição da primeira universidade paranaense. Aparentemente, suas diferenças formativas não foram impeditivas para o projeto que se destinaram a realizar, nem mesmo no dia-a-dia da Faculdade de Medicina do Paraná. A amizade que devotavam entre si, parece mesmo ter alcançado, em aspectos teóricos e práticos, a conformação dos cursos médicos ali ofertados. O currículo dos cursos médicos não só davam conta do que regulava a legislação, como foram acrescidas de cadeiras livres, como a de Homeopatia – um claro legado do Dr. Nilo Cairo. Alopatia e homeopatia, juntas nos cursos médicos do Paraná. Interessante observar a este respeito ainda, a relação de livros da biblioteca da Universidade do Paraná, no ano de 1914. Organizada por cadeira lecionada e curso, a relação mostra que a que detinha, dentre todos os cursos da universidade, o maior número de manuais, livros, revistas e teses era esta mesma cadeira livre, de Homeopatia – seria, a vastidão de materiais disponíveis, uma forma de comprovar, uma vez mais, o caráter científico da disciplina?

E são estes mesmos personagens que cooperaram para os primeiros cursos médicos no Paraná que também estão à frente da empreitada universitária. E, nas palavras do Dr. Victor do Amaral, a universidade “surgiu quase ex-abrupto, e sem grande período de incubação – foi o produto de um gesto quase impulsivo, uma obra de audácia”. (SILVA apud

⁶ O jornal *Diário da Tarde* manifestou o acontecimento apenas na data (19 dez.) e em breve nota que dividia espaço com fatos policiais. Já o *Commercio do Paraná* anunciou o evento sete dias antes (12 e 13 dez. 1912) com riqueza de detalhes sobre a organização tanto da instituição como do evento. No dia seguinte, e em 1ª página, o relato extensivo do ocorrido e, na íntegra, o discurso oficial de fundação da Universidade.

⁷ Dr. Nilo Cairo (1874-1928), egresso da Escola Militar da Praia Vermelha, e professor honorário da Faculdade Hahnemanniana do Rio de Janeiro, foi lente catedrático de Patologia Geral da Universidade do Paraná. Autor dos livros médicos: “*Guia de Medicina Homeopática*” (1911), e “*Elementos de Patologia Geral*” (1913).

COSTA, 2003: 242). Mesmo de súbito:

em 15 de março de 1913 eram iniciadas as aulas, com 97 alunos e 26 professores, dos cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Odontologia, Obstetrícia, Farmácia e Comércio. Pouco mais tarde funcionaria o curso de Medicina e Cirurgia. As aulas de início foram dadas em casa alugada situada à rua Comendador Araújo [no centro da capital paranaense]. (WESTPHALEN, 1987: 10).

Com outros cursos se somando aos inicialmente apresentados na Universidade do Paraná, o maior número de disciplinas requeridas por lei, mais o enxuto corpo docente, tais aspectos logo colaborariam para trazer dificuldades ao encaminhamento da Casa. E em pouco tempo a trajetória da primeira universidade paranaense se veria tumultuada - consequências do ato “quase impulsivo”? Os fatores de ordem econômico-financeira como a decorrente da longa construção do edifício acadêmico, o denominado “Palácio de Luz”, bem como, pode-se incluir aí, a construção da Maternidade do Paraná – sem dúvida, legado do Dr. Victor do Amaral (médico das “doenças das senhoras”), entre os anos 1914/1916 -, a própria manutenção dos professores e funcionários, inclusive dos materiais necessários para os vários laboratórios dos quais os fundadores esmeravam-se na sua organização, são todos elementos que podem ter se somado a esta questão. Além de uma série de eventos que levou à dissolução da universidade, em especial, os de ordem legal, como o decreto Maximiliano de 1915 (e o indeferimento das inspeções federais) e em 1920 a exigência da separação completa das Faculdades (com administração e patrimônio independentes). Ainda, a respeito dos gastos na universidade, a memória de ex-professores procura mostrar o quanto a parceria entre o Dr. Nilo Cairo e o Dr. Victor do Amaral era, ao menos neste aspecto, dessemelhante:

“Nilo, perdulário, não temia largas despesas com aquisição do material destinado à construção e os laboratórios; Victor, parcimonioso, protestava, ameaçava abandonar o velho companheiro, quando se excedia, mas resignado, acabava saldando todos os compromissos assumidos.” (COSTA e LIMA, 1992: 15).

Entretanto, juntos ou não (de fato quem, mais à frente, “abandona” o companheiro é o Dr. Nilo Cairo), os doutores amargariam os fatores de ordem política e legislativa na trajetória que levou ao desmembramento das faculdades da Universidade do Paraná. Além disso, fatores de ordem pedagógica como a falta de professores colaborou, especialmente na primeira década da Universidade, para a debandada de alunos para as escolas superiores de outros centros; no caso da de Medicina, ao Rio de Janeiro – a geração paranaense mandada outra vez a outros estados a despeito do veiculado no *Commercio do Paraná* em vias da inauguração da Universidade.

Na história da Faculdade de Medicina do Paraná, a década compreendida entre os

anos de 1912 a 1922 é marcada por um tempo muito difícil, “das vacas magérrimas”, sem alunos, e ainda mais sem professores. Os poucos docentes eram apelidados de “gramofones universitários” pois, conclamados pelo diretor a não esmorecerem frente a iminente dificuldade de manter o ensino médico em Curitiba, davam aulas de várias disciplinas (cinco, seis ou mais), e muitas vezes repetiam os conteúdos lecionados - daí o apelido. Milton Carneiro, filho de médico-professor da Casa, lembra alguns nomes de professores “multiplicados” a assumir mais de dezena de cadeiras nos cursos médicos e até de comércio⁸:

Três nomes: José Cypriano Rodrigues Pinheiro, Alfredo de Assis Gonçalves e Petit Carneiro – foram os professores que, com mais dedicação e espírito de sacrifício, se submeteram à operação pedagógica multiplicadora, à alta cirurgia proposta por Victor do Amaral, para salvar a vida da Faculdade de Medicina. Os três homens se compenetraram bem dos seus papéis que caíram em verdadeiro delírio de “aulação”. Deram tantas e tão variadas aulas que pareciam não ter cuidado nunca de outra coisa na vida. Foram os mais desaplaudidos, escarnecidos e entusiasmados “auleiros” dessa época. (CARNEIRO, apud COSTA e LIMA, 1992: 37)

Os valiosos “auleiros” (no início não havia mesmo “auleiras”) que realizaram tamanha “operação pedagógica”, a “alta cirurgia”⁹ de efeito salvífico da Faculdade de Medicina do Paraná - e não só para seus cursos médicos -, parecem não ter recebido àquele momento o reconhecimento pelo feito: foram os mais desaplaudidos e escarnecidos professores... A sina não estaria ainda completa. Parece até que nem receberam mais pelo esforço empreendido, o trabalho a mais seria obra de gratuidade uma vez que “não havia verbas para contratar professores, nem havia mais professores, [nem] para serem laçados pelas ruas pouco povoadas de Curitiba”. Naquela época, e de modo geral, os professores (não só da Faculdade) eram vistos como “espécies de heróis muito mal pagos ou inteiramente nada pagos.” (CARNEIRO, apud COSTA e LIMA, 1992: 37). Contudo, logo teriam, ao menos, mais quorum nas salas de aula. A falta de alunos que representava o calcanhar-de-aquiles da Faculdade de Medicina do Paraná seria rapidamente equacionada no ano letivo de 1918. Com

⁸ Para se ter idéia da dificuldade vivenciada, não só pela Faculdade de Medicina do Paraná, mas de toda a Universidade, observe as cadeiras atendidas pelo maior “gramofone universitário” da época, o professor José Cypriano Rodrigues Pinheiro: Química Analítica, Toxicologia, Química Orgânica e Biológica, Bromatologia, Física Farmacêutica, Farmacologia, Farmácia Galênica e Terapêutica Homeopática, Alopática e Matéria Médica (Medicina e Farmácia); Química Mineral e Orgânica (curso de Engenharia Civil); História do Comércio e Geografia Comercial (curso de Comércio). (CARNEIRO, apud COSTA e LIMA, 1992: 37-38).

⁹ Interessante notar aspectos da educação interpretados sob os saberes e procedimentos médicos - aproximações comuns entre os médicos envolvidos na área educacional e que logo seriam apropriados, ao menos na linguagem, pela sociedade. Neste fragmento, o efeito de ‘salvação’ à educação é ampliado com os adjetivos médicos. É a ação dos terapeutas ante um risco iminente: o fechamento da instituição, no seu limite, a morte da educação médica paranaense. E a morte, como ressalta novamente as memórias do médico-cirurgião italiano: “A morte é, para nós, médicos, **uma inimiga pessoal**. Todo o nosso trabalho e toda a nossa atividade são empregados em combatê-la, afastá-la, e arrancar-lhe das garras alguma vítima.” (MAJOCCHI, 1946: 334 grifos no original). Neste caso, ‘a vítima’ era a Faculdade de Medicina do Paraná.

o fechamento da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SILVA, 2002: 150), uma centena de alunos foi transferida para a capital paranaense. (COSTA e LIMA, 1992: 35-36). Mas, certamente, não foi este o fim dos problemas da Casa. E lacunas desta história vão sendo, pouco a pouco, preenchidas na presente investigação em curso.

Referências bibliográficas

- BERTUCCI, L. M. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.
- COMMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, ano I, n.53, sexta-feira, 12 dez. 1912.
- COSTA, I. A. da. **Patronos da Academia Paranaense de Medicina**. Curitiba: Fundação Santos Lima, 2003.
- COSTA, I. A. da; LIMA, E. C. (Orgs.). **O ensino da medicina na Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.
- CUNHA, L. A. **A universidade temporã**: o ensino superior da colônia à era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Edições UFC, 1980.
- DIÁRIO DA TARDE: julho a dezembro de 1912.
- FERNANDES, L. **Secretaria de Estado da Saúde do Paraná**: suas origens e sua evolução no período de 1853-1983. Curitiba: Secretaria do Estado da Saúde do Paraná, 1988.
- FERREIRA, L. O.; FONSECA, M. R. F. da; EDLER, F. C. *A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX*: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, M. A. M. (Org.). **Espaços da ciência**: 1800-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- GONDRA, J. G. *Medicina, higiene e educação escolar*. In: **500 anos de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.519-550.
- LE GOFF, J. *Uma história dramática*. In: **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.
- MAJOCCHI, A. **Memórias de um cirurgião**. 2ª ed. São Paulo: Livraria José Olympio, 1946.
- PILOTO, V. **Universidade Federal do Paraná**: primórdios – modernização – vitórias. Curitiba: Ed. Littero-Técnica, 1976.
- PIMENTA, T. S. *Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos*. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1), p.67-92, 2004.
- _____. *Entre sangradores e doutores*: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. In: **Caderno Cedes**, Campinas, v.23, n.59, p. 91-102, abril 2003.
- PIZANI, M. A. P. N. *A atuação de religiosas em Curitiba na assistência aos alienados durante a República Velha*. **Revista Cogitare Enfermagem**, Ciba, vol.7, n.2, 23p., 2002.
- SILVA, M. R. B. da. *O ensino médico em debate*: São Paulo, 1890-1930. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 9(suplemento), p. 139-159, 2002.
- _____. *O ensino médico em São Paulo e a criação da Escola Paulista de Medicina*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 8(3), p. 543-568, set.-dez. 2001.
- WESTPHALEN, C.M. **Universidade Federal do Paraná**: 75 anos. Curitiba: SBPH/PR, 1987.